

CONTOS INDÍGENAS DO ALTO RIO NEGRO

HISTÓRIAS DO POVO DESSANA



CAMALEÃO

DURVALINO KISIBI
ILUSTRADO POR TAINAN ROCHA

Contos indígenas do Alto Rio Negro – Histórias do povo Dessana

Copyright © 2026 Camaleão.

Camaleão é um selo da Editora Faria e Silva do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.).

Copyright do texto © 2025 Durvalino Kisibi.

Copyright das ilustrações © 2025 Tainan Rocha.

ISBN: 978-65-6025-231-8

Impresso no Brasil — 2ª Edição, 2026 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

F363c

2.ed. Kisibi, Durvalino

Contos indígenas do Alto Rio Negro – Histórias do povo Dessana / Durvalino Kisibi ; ilustração Tainan Rocha. – 2.ed. – Rio de Janeiro : Camaleão, 2026.

56 p.; il.; 13,5 x 20,5 cm.

ISBN 978-65-6025-231-8

1. Cultura indígena – Literatura infantojuvenil. 2. Natureza – Literatura infantojuvenil. 3. Povos indígenas. I. Rocha, Tainan. II. Título.

09-2025/81

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor. A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Camaleão é um selo do Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rodrigo Faria e Silva

Vendas Governamentais: Cristiane Mutûs

Produtora Editorial: Erika Alonso

Revisão: Luciana Garcia e Adriane Gozzo

Diagramação: Roberto Maia (Anthares)

CONTOS INDÍGENAS DO ALTO RIO NEGRO

HISTÓRIAS DO POVO DESSANA



ANOSTRA





Sumário

Mahsa na Ahke Dohkaro: a origem dos macacos	7
Yoasõ: calango.....	14
Momoro: as borboletas.....	19
Behkoa e Pirõ Pa'gakūh: tapuru de fruta e lombriga.....	23
Buha: pombo	27
Yuhkuparo, Sãra Kihti: pica-pau e martim-pescador	31
Muihpu werise: eclipse da Lua	36
Diayo'o, Ahko Dahse: lontra e carará.....	41
Etnia ʻŬmuri Mahsa.....	47
Glossário	51



ANOSTRA

Mahsa
na Ahke
Dohkaro:
a origem dos
macacos







Certo dia, um grupo de homens de uma comunidade indígena foi pegar muhi (**caraná***) perto de um lago conhecido, na língua tukano, como Ewura (lago de tabatinga amarela), na nascente do rio Tiquié.

Chegando ao carananzal, cada um preparou seu tapiri para dormir, e, logo após, alguns seguiram para uma pescaria, para poderem conseguir seu jantar.

Durante a janta, comentaram que, naquele lugar, havia um ser da natureza que atacava as pessoas para comer os olhos delas. O nome desse ser era Kahpe-Orero. Nem todos acreditaram na história; alguns debocharam, não deram importância a ela e foram dormir.

*As palavras destacadas em negrito encontram-se ao final da obra, na seção Glossário.



Um deles, porém, acreditou e acabou não conseguindo dormir. Durante a madrugada, bem longe das barracas, ouvia-se um som muito estranho. Ao ouvi-lo, ele pensou que se tratasse de um pássaro noturno. E o barulho continuava: HORÉ... HORÉ... HORÉ... HORÉ... HORÉ... HORÉ.

O som se aproximava cada vez mais do ouvido do rapaz. Os olhos dele começaram a tremular, querendo até mesmo escapar da cavidade. Assim que sentiu isso, ele correu para acordar os colegas. Mas, por mais que tentasse alertá-los, eles não acordavam.

Com o tempo, o ser comedor de olhos chegou perto da rede do rapaz, mas o rapaz virou o rosto para baixo e tampou os olhos com as mãos, como forma de segurá-los para não saírem do lugar cada vez que o ser fizesse aquele som: HORÉ... HORÉ... HORÉ.

Por fim, o ser chegou às barracas. Carregava na mão um objeto parecido com o **puçá**. Ao se aproximar do primeiro jovem, esticou o



objeto na direção dele enquanto repetia o som: HORÉ... HORÉ... HORÉ. No mesmo instante, os olhos do jovem saltaram do rosto para cair dentro do puçá. E, assim, o ser saiu recolhendo os olhos de um em um, até retirá-los todos do restante do grupo.

Logo após o estranho acontecimento, os demais acordaram e sentiram que estavam sem os olhos. O rapaz contou toda a história sobre como o ser pegara os olhos.

Então o grupo passou a conversar, e, ainda que tudo aquilo tivesse acontecido, eles não ficaram cabisbaixos; ao contrário, iniciaram um diálogo sobre suas histórias passadas, que durou até o amanhecer. Retornar para casa, entretanto, foi difícil: o rapaz que ainda possuía os olhos pegou um cipó da planta timbó (termo em Língua Geral Nhengatu), mais conhecida na língua Dessana como “Goroda”, e pediu aos que estavam sem os olhos que segurassem essa corda, pois assim poderia guiá-los de volta.



Durante o percurso, os sem olhos começaram a dizer muitas palavras indevidas – até mesmo direcionadas ao rapaz que os ajudava –, porque, ao perder os olhos, também começaram a ficar fora de si. Tentando ajudá-los, o rapaz apanhou várias sementes da planta **tento** e, com os poderes que possuía, colocou-as no lugar dos olhos, para que os colegas voltassem a enxergar. Infelizmente, isso não funcionou.

Então continuaram a caminhada. As conversas dos cegos, porém, foram se tornando cada vez mais violentas, chegando a ofender o rapaz que os guiava. Revoltado com as palavras ouvidas, ele puxou a corda para a frente, fazendo com que os cegos caíssem todos amontoados. Tão logo isso ocorreu, os cegos começaram a se agitar, a pular e a subir nas árvores, transformando-se em macacos, para nunca mais voltarem a ser gente novamente.



O rapaz, após retornar para casa, contou às mulheres o fato ocorrido com os maridos de todas. Elas ficaram muito tristes e choraram bastante.

Ensinarmento

Temos que acreditar na viva natureza,
pois nossa dúvida nos retornará consequências.





Yoaasõ: calango



